

A PERCEPÇÃO DO PROFESSOR DE MATEMÁTICA ACERCA DO SEU FAZER PEDAGÓGICO NO INÍCIO DA CARREIRA

Daiana Estrela Ferreira Barbosa (1); Pedro Lúcio Barboza (2).

Universidade Estadual da Paraíba; daiana.estrela@hotmail.com (1)

Universidade Estadual da Paraíba; plbcg@yahoo.com.br (2)

Resumo: O presente artigo tem o objetivo de relatar como os professores de matemática em início de carreira percebem o seu fazer pedagógico na sala de aula. O objeto deste estudo é o professor de matemática, especificamente o professor em início de carreira. Os sujeitos foram 6 professores de matemática de escolas públicas, sendo todos iniciantes com até 3 anos de experiência. Utilizamos a abordagem qualitativa. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas e analisados detalhadamente para melhor compreensão da temática abordada. As percepções dos professores iniciantes sobre o seu fazer pedagógico é o que acontece na realidade na prática escolar. Os professores percebem que procuram fazer uma aula interessante, atrativa e motivadora pensando nos alunos e em busca de aprimorar cada vez mais sua prática., mesmo que diante das dificuldades. Também não encontram apoio nos pares, acabando se individualizando sem ter com quem trocar experiências. Entendendo o que o professor faz em sua prática pedagógica é que podemos intervir e ajudá-lo no sentido de melhorar a qualidade do ensino desenvolvido por ele. O professor começará a compreender a importância social do seu trabalho quando for capaz de transformar sua ação em sala de aula.

Palavras-chave: Formação do professor; Início da carreira; Matemática; Fazer pedagógico.

1. INTRODUÇÃO

Atualmente, em meio a tantas transformações na sociedade e de maneira específica nas salas de aulas, observamos que os métodos aplicados, mesmo que interativos, são insuficientes diante dos grandes desafios de educar hoje. Há uma necessidade emergente de re-significar a ação docente de maneira a torná-la mais atrativa para os educandos que mostram cada vez mais um desinteresse pelas aulas. É necessária uma renovação das salas de aulas e essa renovação não está ligada ao campo tecnológico, ela encontra-se no fazer pedagógico.

Vivemos numa sociedade que busca a uniformização dos cidadãos de modo a aprender e desenvolver-se de forma semelhante. A escola em seu fazer pedagógico está fundamentada em teorias que são aplicadas de forma inadequada. Por isso, diante do distanciamento entre as teorias vivenciadas nos cursos de formação e a prática do dia a dia da cultura escolar, torna-se

importante pesquisar sobre a formação docente como forma de compreender a realidade educacional e contribuir para sua melhoria.

Acreditamos que o aperfeiçoamento do fazer pedagógico é o objetivo principal de todos os professores como meio para seus alunos alcançarem o maior grau de competências conforme suas possibilidades. Fatores como as precárias condições salariais e extensa jornada de trabalho entre outros aspectos desestimulam os professores e influenciam nas suas ações pedagógicas afetando também o desenvolvimento profissional principalmente no início da carreira docente.

Nesse cenário, precisamos conhecer e pensar sobre a realidade vivenciada pelos professores iniciantes ao chegarem e se constituírem profissionalmente, o que ocorre durante toda sua carreira, mas sabendo que na fase inicial é onde encontra-se os maiores obstáculos e desafios. Consideramos pertinente buscar compreender como eles percebem o fazer pedagógico diante da realidade escolar. Os desafios do início da carreira docente podem atrapalhar seu desenvolvimento profissional? Como os professores iniciantes percebem o seu fazer pedagógico?

Sendo assim, o objetivo principal desta pesquisa é relatar como os professores de matemática em início de carreira percebem o seu fazer pedagógico na sala de aula.

2. A FORMAÇÃO E OS SABERES DOS PROFESSORES INICIANTE NA CONSTRUÇÃO DA SUA PRÁTICA PEDAGÓGICA

As pesquisas que tematizam o ingresso na profissão docente têm abordado diferentes aspectos que vão desde as dificuldades encontradas até a relação entre teoria e prática. Autores como: Tardif, 2002; Huberman, 1995; Lima, 2006 entre outros, vêm empenhando-se em estudar e analisar a vida e as práticas pedagógicas dos professores como maneira de entender a realidade escolar.

No que concerne ao início da carreira, Lima destaca:

A respeito do início da docência, estudos vêm mostrando que esta é uma fase tão importante quanto difícil na constituição da carreira de professor. É um momento dotado de características próprias, no qual ocorrem as principais marcas de identidade e do estilo que vai caracterizar a profissional/professora ou o profissional/professor ao longo de sua carreira. (LIMA, 2006, p. 09).

Para a autora mencionada, é nesse período que o professor é posto à prova, onde construirão algumas lógicas e experiências boas ou ruins que serão levadas adiante em sua vida profissional.

Oliveira (2004), em uma pesquisa realizada em Portugal a respeito da construção da identidade profissional de professores de matemática em início de carreira, evidencia que as influências sobre a construção da identidade profissional são múltiplas, e inter-relacionam-se e conjugam-se de diversas formas, não devendo ser encaradas como fatores, mas como elementos de uma história, como acontecimentos ao longo de um percurso biográfico que configuram a representação que o professor tem de si próprio e da profissão.

O processo de inserção a profissão docente é um período marcado por sentimento de insegurança, medo, despreparo profissional, grandes desafios e aprendizagens sobre o que é ser professor. Essa transição de aluno a professor constitui-se uma fase significativa do desenvolvimento profissional. Para Tardif (2002), é no início da carreira que os professores acumulam sua experiência fundamental, que mais tarde se transformará numa maneira pessoal de ensinar.

Considerando o atual cenário da formação de professores de matemática e sua limitação para preparação do desenvolvimento de competências docentes para o fazer pedagógico, compete aqui também evidenciar as dificuldades vivenciadas pelos professores em início de carreira na construção da sua prática docente, tendo em vista, que essa é uma etapa decisiva, onde não se é dada a devida atenção.

Nessa perspectiva utilizamos como referência os estudos de Huberman (1995), que ao tratar do processo de inserção dos docentes na aprendizagem profissional identifica “fases de início da docência”, denominada por ele como “ciclo vital dos professores”. Neste trabalho nos restringimos a entrada na carreira que vai da introdução da carreira até os três anos de docência. É marcada pela fase da descoberta e da sobrevivência.

A fase da descoberta é o entusiasmo inicial por estar finalmente em situação de responsabilidade, a satisfação em ser professor. Já a fase da sobrevivência é o choque com a realidade o confronto inicial com a complexidade da situação profissional onde surge os desafios e dificuldades como por exemplo: a transmissão de conteúdo, relacionamento com os alunos, insegurança com a metodologia, material didático inadequado, falta de apoio da escola, indisciplina dos alunos etc. Essas duas fases são vividas paralelamente e a passagem por elas será fundamental para o engajamento na profissão. É uma etapa determinante, onde o

professor irá refletir sobre sua formação, sua prática, sua escola profissional e seu papel docente.

A reflexão sobre o papel docente faz com que o professor lembre do compromisso social com a escola num mundo globalizado e repleto de novas tecnologias, revendo seus métodos de ensino e rompendo com modelos que não favorecem a progressão da educação neste mundo cheio de divergências e ambiguidades.

A ação pedagógica do professor tem origem em diversos aspectos sociais, principalmente na sua história de vida e trajetória escolar. Tardif (2002), ao tratar da história de vida pessoal e escolar supõe que o futuro professor interioriza um certo número de conhecimentos, de competências, de crenças, de valores, etc., os quais estruturam a sua personalidade e suas relações com os outros. O autor afirma que:

Em suma, tudo leva a crer que os saberes adquiridos durante a trajetória pré-profissional, isto é, quando da socialização escolar, tem um peso importante na compreensão da natureza dos saberes, do saber-fazer e do saber-ser que serão mobilizados e utilizados em seguida quando da socialização profissional e no próprio exercício do magistério. (TARDIF, p. 69, 2002).

O que podemos notar diante do exposto é que esses conhecimentos são utilizados de maneira não reflexiva e com firmeza em sua prática no cotidiano, o que fica explícito que os cursos de formação não estão possibilitando a mudança dessas crenças, muitas vezes errôneas, adquiridas na educação básica.

A organização do fazer pedagógico é condição essencial para a apropriação do conhecimento pelos alunos, devendo estar ligado ao fazer social. Sendo assim a teoria vivenciada nos cursos de formação inicial não é suficiente para construir na sala de aula de aula um ambiente que possibilite a formação do cidadão crítico.

Ao sair da graduação o aluno passa a ser professor, continuando sua formação na escola. A falta de apoio da escola é uma das dificuldades mais complicada enfrentada pelo professor iniciante, por que a escola é o lugar de crescimento profissional. O professor iniciante, na maioria das vezes, recebe as turmas mais indisciplinadas, são alocados em escolas longe e de difícil acesso, não há uma troca de experiência com os outros professores, ou seja, falta uma dimensão de grupo, então o recém-formado acaba se individualizando.

Perrenoud (2002), ressalta que enquanto os profissionais mais experientes não consideram ou nem percebem mais seus gestos cotidianos, os principiantes levam em certos

aspectos, a uma disponibilidade, buscando explicação e um pedido de ajuda, estando abertos à reflexão.

Conceição (2015), destaca que a reflexão na prática, e sobre ela, vai agregar novas formas de atuação docente, em termos individuais ou coletivos, tornando-se, assim, uma condição de formação e desenvolvimento profissional. A autora ressalta ainda que “É preciso perceber os alunos e suas especificidades, sendo professores capazes de entender seus papéis ético, político e social, buscando a reflexão constante sobre sua prática.” (CONCEIÇÃO, 2015, p. 13).

A reflexão sobre a prática e o seu fazer docente pode auxiliar os professores a ter uma visão mais ampla do trabalho que está desenvolvendo na escola, possibilitando sua autonomia e adquirindo conhecimento pedagógico, construindo sua identidade profissional. Assim, Tardif (2002), afirma:

Nesse sentido, a prática pode ser vista como um processo de aprendizagem através do qual os professores retraduzem sua formação e a adaptam à profissão, eliminando o que lhes parece inutilmente abstrato ou sem relações com a realidade vivida e conservando o que pode servir-lhes de uma maneira ou de outra. (TARDIF, 2002, p. 53).

Cunha (2011), afirma que o professor possui um saber que lhe é próprio e mostra duas grandes direções desse saber: “o domínio do conteúdo de ensino, isto é, de seu próprio objeto de estudo, e o domínio das ciências de educação que lhe permitirão compreender e realizar o processo pedagógico”. (CUNHA, 2011, p. 40). Esses saberes são a base dos cursos de formação de professores, mas o que percebemos é que existem outros saberes que devem ser agregados para desenvolver o fazer pedagógico.

A prática integra diversos saberes e o professor se relaciona de maneira diferente com esses saberes. Tardif (2002) defini o saber docente como um saber plural, formado pelos saberes provenientes da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais. O autor ressalta que é no início da carreira que a estruturação do saber experiencial é mais forte e importante, estando ligado a experiência do trabalho.

Para alguns, a tarefa de ensinar antes de ser um dever é uma vocação e que mesmo com todas as deficiências nas estruturas que permeiam a educação brasileira não são capazes de tirar o mérito dos professores em tentar melhorar a sociedade, então a tarefa de ensinar é muito difícil, mas fascinante.

Considerando a diversidade existente na sala de aula, nem sempre é possível, mesmo

que com estratégias traçadas, o planejamento feito pelo professor se cumpra integralmente. O professor deve estar preparado para lidar com situações repentinas que ocorrem na sala de aula, não sendo pego de surpresa, por exemplo, diante de questionamentos dos alunos, os quais muitas vezes são para pôr a prova o professor principalmente quando este é iniciante.

Segundo Paquay et al. (2001)

O professor pode planejar, preparar seu roteiro, mas continua havendo uma parte de ‘aventura”, ligada aos imprevistos que têm origem nessas ações em andamento e no desconhecimento proveniente das reações dos alunos. Isto requer uma grande quantidade de tomada de decisão para, uma mobilização dos conhecimentos dentro da ação e, até mesmo, uma modificação de decisões na ação em sala de aula. (PAQUAY et al., 2001, p. 27)

Contudo devemos conhecer vários mecanismos que possam ajudar a sair de situações inesperadas estando preparado emocionalmente para os desafios que a tarefa de ensinar nos impõe, precisando repensar e refletir sempre sobre o fazer pedagógico na sala de aula como forma de amenizar as dificuldades vivenciadas especialmente pelos professores de matemática no início da carreira docente.

3. METODOLOGIA

O presente artigo tem o objetivo de relatar como os professores de matemática em início de carreira percebem o seu fazer pedagógico na sala de aula. Para tanto, utilizamos uma abordagem qualitativa. Os sujeitos dessa pesquisa são 6 professores de matemática de escolas públicas, sendo todos iniciantes com até 3 anos de experiência aos quais foram nomeados como PI (professores iniciantes), de modo a preservar a identidade dos sujeitos da pesquisa. Os professores que aceitaram responder nossa pesquisa foram fidedignos ao expor suas angústias e dificuldades ao relatar suas experiências nos primeiros anos da carreira docente.

Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas elaboradas pelos investigadores a partir do objetivo de estudo e do referencial teórico adotado. As questões propostas pretendiam resgatar a singularidade do professor e sua percepção nos primeiros anos de docência do seu fazer pedagógico em sala de aula.

Os registros das entrevistas foram analisados após leituras aprofundadas das transcrições. Dessas leituras, do objetivo da pesquisa e referencial teórico utilizado, optamos por apresentar os resultados tentando agrupar os dados seguindo uma organização das questões que identificaram informações sobre: a formação docente, os saberes adquiridos, o

fazer pedagógico, problemas encontrados para o desenvolvimento de sua prática pedagógica, e outros possíveis pontos que fossem importantes para compreender o que acontece com os professores nos anos iniciais da carreira docente.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Buscou-se com os resultados adquiridos nas entrevistas semiestruturadas, compreender aspectos importantes nas falas dos professores iniciantes a respeito de sua formação docente, seus saberes docentes e seu fazer pedagógico no início da carreira. Não houve uma elaboração prévia de categorias, e sim um empenho para agrupar os dados a fim de responder ao objetivo delimitado.

Compreendemos que a formação docente não é suficiente para garantir uma boa prática em sala de aula. O professor em início de carreira precisa ter coragem e enfrentar os obstáculos todos os dias em sala de aula. A partir da experiência na graduação o interlocutor PI-2 afirma:

Na minha experiência na universidade, não aprendemos a prática pedagógica na realidade e a teoria é muito desmotivadora, pois os próprios professores afirmam que só saberemos o que é ser um professor quando estivermos na nossa própria sala de aula. Então, vejo que saímos da universidade com bastante leitura, mas que não nos deixam a par das realidades sociais que dificultam o trabalho do profissional (PI-2).

PI-2 percebe o diálogo entre a formação universitária na licenciatura e a prática pedagógica vivenciada na escola de modo desmotivador não contribuindo muito para o trabalho docente.

Corroborando com essa afirmação Tardif (2002) coloca que essa fase crítica e de distanciamento dos conhecimentos acadêmicos anteriores provoca também um reajuste nas expectativas e nas percepções anteriores e que com o passar do tempo os professores passam a compreender melhor a realidade escolar.

O interlocutor PI-3, a respeito do curso de formação e das disciplinas pedagógicas, diz que para ele:

Algumas disciplinas estudadas na universidade são muito importantes, nos preparam para essas vivências diárias, fazendo pôr em prática a teoria e a didática na preparação das aulas e na metodologia a ser aplicada (PI-3).

Este professor iniciante se sente contemplado em relação ao estudo das chamadas disciplinas pedagógicas na sua licenciatura, entretanto, isto não indica que a formação

pedagógica inicial do licenciado em matemática seja satisfatória.

A formação docente pode ser vista de maneiras diferentes pelos professores e está muito ligada ao seu contexto atual. Falar de formação vai depender do que cada um pensa a respeito e do que é importante diante de suas próprias necessidades. Cunha (2011) salienta que os estudos que colocam o professor histórica e socialmente contextualizado, afirmando que seu desempenho e formação tem a ver com suas condições e experiências de vida, pressupõem uma relação forte entre o saber e os pressupostos da elaboração deste saber.

O professor iniciante sente dificuldades ao tentar relacionar e colocar em prática os conhecimentos trazidos do curso de formação e a realidade da escola. O interlocutor PI-2 coloca que:

Quando o professor tenta fazer algo diferenciado, na maioria das vezes é taxado por tentar vincular a universidade a escola, sendo reprimido e assim aumenta a distância entre a prática e os saberes providos da universidade (PI-2).

Este interlocutor não se sente à vontade para realizar na sala de aula aquilo que pretende. Ou seja, considera que não tem apoio para uma prática pedagógica diferenciada da que acontece na escola. Mas, ele não deve desistir de colocar em prática o que acredita. Fazendo à docência e refletindo sobre esse fazer é que realmente se aprende a ser professor. E que tudo depende das oportunidades que cada um tem para descobrir os saberes necessários para a profissão.

Conhecimento de sua matéria, aulas organizadas, afetividade com os alunos são alguns dos critérios apontados pelos entrevistados que compõe o seu fazer pedagógico. Damos continuidade analisando questões da prática pedagógica.

Quando questionados sobre como percebem o seu fazer pedagógico em sala de aula, os interlocutores responderam da seguinte forma:

Tento visualizar com muita positividade. Mas, na maioria das vezes é confundido com moleza, pois tento fazer com que os alunos cheguem ao conhecimento, não apenas passar conteúdo e esperar que eles aprendam em aulas expositivas. No meu saber o aluno só aprende se estiver disposto a aprender, e dessa forma as aulas devem ser agradáveis, não explorando os alunos em aulas cansativas, mas que se tornem construtores do próprio conhecimento (PI-2).

O fazer pedagógico rompe os limites da sala de aula, indo desde o planejamento, no meu caso semanalmente, até a prática em sala. Outro ponto importante é deixar a aula mais interessante para que o aluno tenha vontade e principalmente prazer em aprender (PI-3).

É levar um pouco do que sei e me preparei, para poder construir um conhecimento muito maior com a ajuda dos meus alunos (PI-6).

A visão que os interlocutores têm do fazer pedagógico é ampla extrapolando como disse PI-3 os limites da sala de aula. Pode dizer-se que a reflexão contribui para a consciencialização dos professores das suas teorias subjetivas, isto é, das teorias pessoais que informam a sua ação (OLIVEIRA; SERRAZINA, 2002, p. 8). É importante ter noção do trabalho desenvolvido, saber o que se está fazendo. A esse respeito PI-4 diz:

O professor tem um trabalho contínuo. Professor que realmente preza pela sua profissão ele é um professor que sempre estuda, pensa e sempre está preocupado com a sala de aula (PI-4)

A forma como a aula acontece, a metodologia aplicada vai de acordo com o que o professor acredita e busca de melhor para seus alunos. Tornar as aulas mais atraentes, estimular a participação dos alunos, saber se expressar de forma clara, procurando sempre inovar nas suas aulas, tendo satisfação ao exercer o seu fazer pedagógico, preocupando-se com os métodos de aprendizagem foram alguns dos aspectos importantes citados pelos interlocutores.

No desenvolvimento da prática pedagógica os professores citam o planeamento sendo necessário para sentirem-se seguros na aula. PI-1 ressalta:

Faço o planeamento, eu sento e preparo a aula para a semana toda mais ou menos assim. Às vezes não consigo aplicar por questão de tempo. Sai um pouco do roteiro, mas tenho por onde me basear para dar a aula (PI-1).

Os professores chegam na escola cheio de perspectivas de mudanças, com muitas ideias inovadoras e tentam pôr em prática as atividades com entusiasmo, mas percebem que tem dificuldades na relação com os outros professores e são muitas vezes desestimulados pelos profissionais mais experientes e se decepcionando com a realidade. Eis o depoimento de PI-2:

Tive problemas de metodologia por conta que os profissionais da escola eles eram muito centrados numa metodologia mecânica e quando chega um profissional que tenta trabalhar de uma maneira diferente é mal visto foi o que aconteceu comigo e termina que você perde o interesse você fica sem estímulo para ensinar foi o que aconteceu nesses dois anos que eu estou trabalhando (PI-2).

Há um entrave para que os professores iniciantes desenvolvam seu fazer pedagógico tanto por não saberem ao certo o que fazer e também quando procuram ajuda não a encontram. A falta de apoio dos pares gera um descontentamento e o professor acaba se

isolando. Cunha (2011), coloca que “a individualidade do professor é reforçada pela estrutura social e acadêmica e a falta de percepção do coletivo torna difícil qualquer delineamento de um projeto pedagógico mais amplo”. (CUNHA, 2011, p. 110).

Em outro relato o professor iniciante percebe que não é motivado ao tentar trocar experiências com outros professores. Os interlocutores dizem:

Eu pedi ajuda a uma professora já antiga para saber como trabalhar por conta da experiência que ela tinha e não ajudou em nada porque ficou parecendo como se eu tivesse ido para uma via diferente daquela vai e quisesse ultrapassar ela (PI-2).

Cheguei ao mercado e percebi que a identidade generalizada do profissional que ensina matemática é totalmente diferente, costume dizer que é necessário usar uma máscara para se adaptar ao sistema, pois me vejo diariamente em meio a dificuldades impostas por terceiros que não estão interessados na aprendizagem dos alunos (PI-5).

Notamos que os professores sentem a necessidade em repensar o ensino rompendo com os métodos tradicionais a tempos enraizados na sociedade e conseqüentemente na escola. É difícil estabelecer essa mudança de paradigmas dos professores que são frutos da realidade cotidiana da escola, então romper com esses modelos é um grande desafio.

Os professores também relacionam a prática pedagógica com as respostas dos alunos nas aulas e que atualmente ainda é muito valorizado a postura do aluno passivo e obediente.

Ao continuar descrevendo a prática pedagógica citaram que utilizam muito aulas expositivas. É provável que os professores se comportem de tal maneira por falta de conhecimento em outro tipo de abordagem metodológica. A esse respeito os interlocutores expõem:

A maioria das aulas são expositivas, mas eu gosto de usar um pouco material concreto também é só isso (PI-1).

As aulas são expositivas, os conteúdos são ministrados de forma muito positiva, assim consigo fazer com que os alunos estejam sempre dispostos a assistir as aulas de matemática e proporem sugestões para a melhoria da aprendizagem (PI-6).

Mesmo com todas as situações de conflito, evidenciadas pelos professores sobre as experiências nos anos iniciais da carreira, o gosto pela docência e a valorização pela profissão está presente nas falas de alguns. Seus depoimentos dizem:

Vejo que muitos professores estão dispostos a tornar a sala de aula um ambiente de aprendizagem e prazeroso (PI-5).

Ser professor hoje é seguir uma profissão nobre, que requer muita dedicação e empenho. É particularmente uma satisfação pessoal (PI-3).

Com as experiências amadurecemos nossa didática tornando as aulas mais fluentes e práticas (PI-6).

Outro de nossos interlocutores destaca a desvalorização da profissão docente:

Deveria ser mais valorizado não só em questão de dinheiro, mas questão de valorização social mesmo que a gente está vendo que por tantas outras questões o professor está sendo muito banalizado (PI-4).

Os professores são conduzidos, através da reflexão na sua própria prática e, especialmente, através da reflexão sobre ela a obter uma visão crítica do contexto estrutural ou ideológico em que estão a trabalhar (OLIVEIRA; SERRAZINA, 2002, p. 33). Eles percebem que através da reflexão sobre a prática vão adquirindo experiência e ganhando confiança para atravessar essa fase conturbada do início da carreira. O depoimento de PI-4 deixa claro essa afirmação:

Acredito na minha visão, que eu tenho crescido muito em relação até o próprio ensino de matemática. Tenho crescido e aprendido bastante de um ano para outro, quando eu vou trabalhar conteúdo eu vejo que nossa como eu pequi em trabalhar dessa forma podia ter feito isso e acabo fazendo nesse sentido uma reflexão de que a cada ano a cada oportunidade eu mudar um pouquinho porque eu vi alguma coisa que era preciso eu vejo isso como avanço para mim ainda não alcancei o ideal, mas cresci muito mesmo (PI-4).

Assim a prática da reflexão se torna uma possibilidade de estar no caminho certo do fazer pedagógico. Promovendo também uma análise do papel docente o que é imprescindível para a construção da identidade do professor. Somente ao enfrentar situações conflituosas os professores perceberam que podem melhorar sua ação resultado da prática aplicada.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As percepções dos professores iniciantes sobre o seu fazer pedagógico é o que acontece na realidade na prática escolar. Os professores percebem que procuram fazer uma aula interessante, atrativa e motivadora pensando nos alunos e na busca de melhorar cada vez mais sua prática, mesmo que diante das dificuldades. Notou-se que os respondentes têm uma grande preocupação em tentar transformar e mudar sua prática para que se tenha uma postura menos tradicional. Também não encontram apoio nos pares, acabando se individualizando sem ter com quem trocar experiências.

Entendendo o que o professor faz em sua prática pedagógica é que podemos intervir e ajudá-lo no sentido de melhorar a qualidade do ensino desenvolvido por ele. O professor começará a compreender a importância social do seu trabalho quando for capaz de

transformar sua ação em sala de aula.

Incorporar a preocupação com o início da carreira docente nos programas de formação seria importante para base profissional do professor, que na academia dispõe apenas do estágio supervisionado que é a única disciplina de fato inerente ao papel do professor que visa formar e tornar o aluno professor.

6. REFERÊNCIAS

CONCEIÇÃO J.S.; NUNES C.M.F. Saberes docentes e professores iniciantes: dialogando sobre a formação de professores para o ensino superior. Rev. Docência Ens. Sup., v. 5, n. 1, p. 9-36, abr. 2015.

CUNHA, M. I. O bom professor e sua prática. Campinas, SP. 24ª ed. Papirus, 2011.

HUBERMAN, Michael. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, António (Org.). Vidas de professores. Porto: Porto Editora, 2000. p. 31-62.

LIMA, Emília Freitas de Lima (org.). Sobrevivências no início da docência. Brasília: Líber Livro Editora, 2006.

OLIVEIRA, H.M.A.P. A construção da identidade profissional de professores de matemática em início de carreira. Tese de Doutorado em Educação (Didática da Matemática). Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. 570f. 2004.

OLIVEIRA, I.; SERRAZINA, L. A reflexão e o professor como investigador. In: GTI (Ed.). Refletir e investigar sobre a prática profissional. Lisboa: APM, 2002. p. 29-42.

PERRENOUD, P. A prática reflexiva no ofício do professor: profissionalização e razão pedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PAQUAY, L. et al. (Orgs.). Formando professores profissionais: Quais estratégias? Quais competências? Trad. Fátima Murad e Eunice Gruman. 2.ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2001.

TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2002.